

RUA, ATMOSFERA E LUGAR¹

FIORI, I. M., Universidade Federal do Paraná, email: isabela@fiori.arq.br; ROSSI, F. A., Universidade Federal do Paraná, email: rossi@ufpr.br; SCHMID, A. L., Universidade Federal do Paraná, email: aloisio.schmid@gmail.com; SINGESKI, L. G. G., Universidade Federal do Paraná, email: luiz@oficinaurbana.com.br

ABSTRACT

Streets represents most of the public space of a city and, as such, is an element of great importance in the construction of this. It's in the design of cities, thought in "relation to" and "to" human beings, that the greatest and most significant contributions to a more environmentally, socially and economically sustainable society can be made. This paper seeks to understand, through bibliographical analysis, how the conception of the streets as a system of free public spaces focused in the experience of the pedestrian / citizen and provided with a phenomenologically measurable atmosphere can collaborate in the development of better and more sustainable cities.

Keywords: Street, Human Scale, Atmospheres, Public Space Production.

1 INTRODUÇÃO

O conjunto de ruas e calçadas constitui boa parte do espaço público de uma cidade e tem grande impacto em sua concepção geral. Atualmente mais da metade da população mundial vive em espaços urbanos e as cidades tem um impacto significativo nas alterações climáticas ao redor do globo, representando entre 71% e 76% das emissões de CO₂ mundiais (UN-HABITAT, 2017). Constata-se, portanto, a grande importância da rua como um elemento estruturador do espaço urbano e a inter-relação de sua qualidade espacial com a da cidade em si. Assim, faz-se necessário, não apenas o estudo das condições e atributos que caracterizam uma boa rua, como também uma revisão, do ponto de vista fenomenológico, das estratégias definidas em projeto urbano e plano diretor, para que se possa constatar se a realidade urbana da rua corresponde ao espaço almejado em projeto, quais os desvios e possíveis estratégias pontuais devem ser adotadas para que as ruas não sejam apenas espaços de trânsito e conexão entre pontos distintos, mas percebidas como um lugar e como interface determinante no dia-a-dia dos habitantes. Neste estudo faremos uma breve revisão bibliográfica sobre a importância da rua como estruturadora da vida urbana e de sua carga atmosférica, servindo como base justificativa de estudos fenomenológicos aprofundados sobre os espaços públicos existentes ou a serem projetados.

2 RUA E ATMOSFERA

A cidade é a síntese da sociedade - elas representam o epítome da nossa realização. É o cenário da confluência, o núcleo onde se desenvolveram

¹ FIORI, I. M., ROSSI, F. A., SCHMID, A. L., SINGESKI, L. G. G. Rua, atmosfera e lugar. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 17., 2018, Foz do Iguaçu. **Anais...** Porto Alegre: ANTAC, 2018.

códigos de conduta e regras de convívio. Mais do que tudo, a cidade é uma estrutura de mudança, e sua força vital reside em cada cidadão (LERNER, 2010). A rua é a síntese da cidade, é a essência do ato de convivência. A rua integra pessoas e funções urbanas – é a interface entre a cidade e o cidadão, entre o público e o privado, entre os diferentes agentes e atividades da urbanidade. Não é apenas uma ligação entre um ponto e outro, mas um meio que torna possível a vida cidadina. Para Jacobs (1961) as ruas servem a muitos propósitos além de conduzir veículos e pedestres. Estes propósitos são indissociáveis da circulação, mas não são idênticos a ela e são pelo menos tão básicos quanto esta para o funcionamento adequado das cidades. Segundo Lerner (2010) “a rua é o caminho através do qual todas as cidades começaram e também tem de ser o caminho para o futuro”.

A rua é também um lugar. Este é definido como um tecido obtido por relacionamentos e experiências - por este motivo, nós odiamos e amamos os lugares, enquanto os espaços são simplesmente medidos. Para o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (1983), o lugar corresponderia à segurança, contrapondo-se ao espaço, que seria a liberdade. Lugares possuem aura, detém uma atmosfera. Lugares transbordam intento. E, no entanto, qual o fim da rua? Em geral, nossas ruas não são construídas a partir de uma vontade em mente, mas a partir de guias de projeto e medidas regulatórias.

A cidade é uma invenção humana e é para o homem que ela deve ser pensada e dimensionada (GEHL, 2013). A escala humana – não só em sua dimensão física, como também nas suas dimensões psicológica, filosófica, social e afetiva – é um componente essencial para a criação de cidades melhores e mais sustentáveis. A partir de uma visão holística de sustentabilidade, a reflexão do que é uma boa cidade deve, portanto, contemplar os seguintes prismas: a sustentabilidade ambiental, social e econômica; a mobilidade - os fluxos de pessoas, bens e serviços -; a densidade, que permite otimizar investimentos em infraestrutura; a vitalidade, que transparece nos convites à desfrutar a vida na cidade; a diversidade: de atividades, de faixas etárias, de nível de renda, de usos e funções urbanas; e o binômio identidade e coexistência, que procura a valorização da memória e da cultura e gera o sentimento de pertencimento, ao mesmo tempo em que acolhe a diversidade, o mosaico que compõe a sociedade (LERNER, 2010). Todos estes conceitos refletem ou perpassam espacialmente nas ruas que construímos e projetamos. A rua sintetiza as leis urbanísticas de uso e ocupação do solo, os códigos culturais e sociais locais.

Jane Jacobs (1961) enfatiza o papel das ruas como os principais locais públicos de uma cidade: são os seus órgãos mais vitais. “Pense em uma cidade e o que vem à mente? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecem interessantes, a cidade parece interessante, se as ruas parecerem enfadonhas, a cidade parecerá enfadonha”. Mas as ruas não atuam de maneira isolada, elas constituem um sistema de espaços públicos livres, do qual toda cidade é dotada. Estes espaços são fruto do processo de urbanização e formação da cidade. (MACEDO, 2011 apud HANNES, 2016). O parcelamento do solo, as construções e o arruamento dão origem a inúmeras

tipologias de espaços e diversas formas de apropriação das mesmas. Tendo ou não sido criados para uso específico, o espaço livre torna-se palco para diversas formas de expressão da sociedade. São espaços de encontro, lazer, práticas esportivas e manifestações (HANNES, 2016). Para Rosaneli et al. (2016) “o espaço livre público é aquele que abriga diversas práticas sociais, reflete a cultura e costume de seus usuários e cuja vitalidade está ligada à possibilidade de apropriação”.

Hannes (2016) considera que os espaços livres desempenham outros papéis, independentes de suas funções características, principalmente no que diz respeito à melhoria do ambiente excessivamente impactado pela urbanização das cidades. Entre essas funções, ressaltam-se as consideradas de maior relevância, como as funções ecológicas, estéticas e sociais. Estes espaços exercem, em função do seu volume, distribuição, densidade e tamanho, inúmeros benefícios aos seus entornos, proporcionando, de maneira geral, a melhoria da qualidade de vida, pois garantem, além da circulação, espaços destinados ao lazer, à interação social, à contemplação da paisagem e à preservação ambiental (ROSANELI et al., 2016).

Para Schmid (2012, apud ROSANELI et al., 2016), há três processos da produção social do espaço, que existem em interação, em conflito ou em aliança entre si: o espaço percebido, o espaço concebido e o espaço vivido, quando se estabelece uma ponte com a fenomenologia. O espaço percebido refere-se ao aspecto perceptível e que pode ser apreendido por meio dos sentidos, o espaço concebido refere-se ao entendimento do espaço por meio de sua representação e, por fim, o espaço vivido significa o mundo experimentado pelos seres humanos em sua vida cotidiana. A atratividade e a qualidade dos espaços urbanos estão relacionadas à forma como percebemos nosso ambiente físico, que pode ser entendida a partir do conceito de lugar e de seu poder em criar atmosferas.

O lugar diferencia-se do espaço pela vivência, por sua afetividade e simbologia, ou seja, pela maneira que ele recorre as nossas emoções. Peter Zumthor define atmosfera como a “primeira impressão” de um ambiente, que se comunica diretamente conosco, e que tem a habilidade de nos tocar, nos emocionar, em uma fração de segundo.

“A atmosfera comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver. Há situações em que não podemos perder tempo e pensar se gostamos ou não de alguma coisa, se devemos ou não saltar e fugir. Existe algo em nós que comunica imediatamente conosco. Compreensão imediata, ligação emocional imediata, recusa imediata”. (ZUMTHOR, 2009, p.13)

Para Anderson (2009), a atmosfera é: intensidade impessoal ou transpessoal; ambiente ou a transmissão do sentimento do outro; aura qualificada; tom na literatura; ondas miméticas de sentimento; ou mais amplamente um senso de lugar (McCormack, 2008; Stewart, 2007; Brennan, 2004; Böhme, 2006; Ngai, 2005; Thrift, 2008; Rodaway, 1994; apud ANDERSON, 2009). Segundo o autor, é

a própria ambiguidade das atmosferas afetivas - entre presença e ausência, entre sujeito e objeto/sujeito e entre o definido e o indefinido - que nos permitem refletir sobre a experiência afetiva como ocorrendo além, ao redor e ao lado da formação da subjetividade. Green (2014, apud Schmid 2018) caracteriza atmosferas como infinitamente variadas, constantemente mutantes, e altamente específicas. Resume atmosfera como uma multiplicidade de afetos fluindo.

Como uma pluralidade caótica que se distingue por um significado difundido internamente e, como tal, mais descritível do que rigorosamente e conceitualmente definível, a cidade possui uma poderosa carga atmosférica, muitas vezes mnemonicamente cristalizada ou sintetizada, nas palavras de Benjamin (apud GRIFFERO, 2013), como "imagens do pensamento". "Possui, podemos dizer, sua própria 'pele' emocional e polissensorial, tanto que a paisagem se torna um ponto de referência psicotopológico, o centro dos mapas mentais, obviamente mais emocional do que cognitivo, no qual a cidade inteira (vvida) é fisicamente condensada" (GRIFFERO, 2013).

As atmosferas urbanas, através de sua relação intrínseca com a criação de emoções, sentimentos e afetividades, têm grande importância na maneira como a cidade é apreendida pelas pessoas que a vivenciam, sejam elas habitantes, turistas ou visitantes, e tem grande impacto na sua constituição como lugar. Segundo Thrift (2008), dada à absoluta ubiquidade das atmosferas como elementos vitais das cidades e seu sombreamento de quase todas as atividades urbanas com diferentes tonalidades reconhecíveis à todos, poder-se-ia pensar que o registro afetivo formaria grande parte do estudo das cidades – o que estaria errado. Fato é que o papel fundamental da atmosfera na transformação de ruas em lugares e na criação da imagem da cidade é estudado de maneira muito insipiente e merece atenção especial dos pesquisadores dos fenômenos urbanos, da cidade e do ambiente construído.

3 CONCLUSÕES

As ruas e seus passeios, grande parte dos espaços públicos da cidade, configuram-se normalmente como espaços de passagem. Percebe-se a falta de intenção na concepção destes espaços e da percepção de que estes podem contribuir de diversas maneiras para a melhoria da vida nas cidades, o que os torna espaços sem atratividade, propícios a violência e ao vandalismo. A busca pela produção de ruas pensadas atmosféricamente, mensuradas e validadas fenomenologicamente, incorre pelo direito à cidade. É o estudo da subjetividade humana com objetivo de zelar pelo uso dos equipamentos e infraestruturas, pelo sentido de identidade e apropriação da cidade pelos seus cidadãos. Portanto é um campo de estudo amplo, imprescindível e fundamental para compreendermos o que é sustentabilidade nas cidades, de forma holística e contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. Affective atmospheres. **Emotion, Space and Society**, n. 2, p.77-81 2009.
- GEHL, J. **Cidades para pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GRIFFERO, T. The atmospheric “skin” of the city. **Ambiances [Online]**, Varia, 2013.
- HANNES, E. Espaços abertos e espaços livres: um estudo de tipologias. **Paisagem E Ambiente: Ensaios**, n. 37, São Paulo, p. 121-144, 2016.
- JACOBS, J. **Life and death of great American cities**. Modern Library Editions. New York: Random House, 1961.
- SCHMID, Aloísio Leoni. Conforto como atmosfera. Uma exploração da literatura sobre base da psicologia ambiental e da fenomenologia. **Arquitextos**, São Paulo, ano 18, n. 214.00, Vitruvius, mar. 2018
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.214/6930>>.
- LERNER, J. Reviving cities, In: GOLDSMITH, S.A; ELIZABETH, L. **What We See: Advancing the Observation of Jane Jacobs**. Oakland, CA: New Village Press, p. 184-191, 2010.
- ROSANELI, A. F.; FRÓES, A. C. S.; FURLAN, D. L. S.; GONÇALVES, F. T.; SENGER, S. Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management)**, v. 8, n. 3, p. 359-374, 2016.
- THRIFT, N. **Non-representational theory – Space, politics, affect**. London: Routledge, 2007.
- UN-HABITAT. **Sustainable Urbanization in the Paris Agreement - Comparative review for urban content in the Nationally Determined Contributions (NDCs)**. Nairobi: 2017.
- TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- ZUMTHOR, P. **Atmosferas**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.